

O País no tubo de ensaio dos economistas

204

LÉA CRISTINA E LIANA MELO

Mágicos ou bruxos, desde que Juscelino Kubitschek estabeleceu o modelo desenvolvimentista do País, eles ditam as normas. Tiram da cartola fórmulas sensacionais que no mês seguinte se mostram inócuas, mas que dois anos depois são reapresentadas como a grande saída para a Nação. Assim seguem eles: testando, criando... De Delfim Netto a Zélia e sua equipe são os economistas que, há 30 anos, propõem o modelo de vida a ser seguido pelos brasileiros.

De cinco anos para cá — mais propriamente a partir do Plano Cruzado — eles caíram na boca do povo. Antes da abertura política, as questões nacionais eram discutidas a portas fechadas — se bem que, já na época do regime militar, os primeiros problemas com a inflação tenham tornado comum a discussão econômica.

Mas foi a partir da abertura política que o cidadão comum passou a ter maior acesso às informações e a conhecer melhor certos assuntos: aí então, os economistas passaram a ser vistos como protagonistas e antagonistas. Sem indiferença.

— O que mais me espanta neste Plano é que todos os economistas o adoram — comentava na semana passada o humorista Jô Soares.

Não que sejam culpados pela situação a que o País chegou. Pelo contrário: brigam o tempo todo contra a crise. O curioso está na forma com que apresentam as fórmulas que consideram ideais. Muitas vezes, quando uma delas se mostra inadequada, culpam os políticos. E, de vez em quando, com razão. Como em 1986, quando o congelamento de preços durou muito além do que seria economicamente correto por puro desejo do Presidente José Sarney.

Juntamente com os políticos, os economistas foram amados durante o congelamento e odiados durante o descongelamento. Vieram depois o Plano Bresser (1987) e o Plano Verão (1989), que embora apresentados como uma edição melhorada do velho Cruzado, acabaram como seu modelo original. Até que, finalmente, os economistas explicam que não é o controle de preços o grande instrumento contra a inflação.

É quando o dinheiro é bloqueado, propõem-se reformas administrativas e um congelamento de preços entra como molho doce. Maior perplexidade que a causada pela falta de dinheiro, só a provocada pela notícia — não desmentida — de que Zélia fixara baixos limites de saque para pagamento de salários porque não tinha noção exata dos valores das folhas de pagamento.

A questão agora é descobrir o volume exato de dinheiro a ser reinjetado na economia. As fórmulas seguem sendo testadas.